

Por que precisamos decolonizar o pensamento?

Why do we need to decolonize thought?

  **Vitória Gomes Almeida**

  **Fernanda Carla da Silva Costa**

Caras leitoras e caros leitores,

Descolonizar o conhecimento significa criar novas configurações de conhecimento e de poder. Então, se minhas palavras parecem preocupadas demais em narrar posições e subjetividade como parte do discurso, vale a pena lembrar que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e que este alguém tem uma história.

Grada Kilomba

O pensamento decolonial tem origens na produção teórica de Aníbal Quijano e no desenvolvimento do seu conceito de colonialidade do poder no âmbito do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) na década de 1990. Em suas três décadas de existência essa perspectiva tem fornecido novas leituras analíticas, teóricas e conceituais que contribuem para a renovação das ciências sociais latino-americanas, a partir da narrativa que identifica a América Latina como continente fundacional do colonialismo, tendo a seu serviço o racismo, a diferença colonial e a estrutura opressora no tripé colonialidade do poder, saber



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1. p. 3-8, jan./abr. 2021. ISSN 2447-0120.

e ser (BALLESTRIN, 2013)¹.

Com a invasão em 1492, esse território nomeado como América sofreu com domínio, controle das subjetividades, da culturas, e da produção de conhecimentos através: da expropriação das populações colonizadas; da repressão das formas de produção de conhecimento/sentidos dos colonizados e, pela coação dos colonizados a aprender a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação (atividade material/tecnológica, subjetividade e da questão religiosa) (QUIJANO, 2005)².

Transcorridos mais de cinco séculos, é possível identificar como o legado colonial se faz presente em âmbitos políticos, institucionais, sociais, militares, culturais e educacionais, fazendo com que os problemas das colonialidades sejam profundamente complexos afetando diversos países, políticas e pessoas.

No que se refere a colonialidade do saber, podemos caracterizá-la como um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo por meio do privilégio epistêmico que desfrutam os homens ocidentais brancos/hetéros/cisnormativos sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos do conhecimento de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais, gerando estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2016)³.

¹ BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.11, p. 89-117, 2013.

² QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.118-142.

³ GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

O olhar para a história da ciência permite identificar o lugar ao qual esses corpos políticos ocupavam, em detrimento dos conhecimentos produzidos por epistemologias/cosmologias “outras” reputados a um lugar de inferiorização. Olhar para a ciência também permite perceber como esse processo permeou todas as áreas do conhecimento.

Na Ciência da Informação e Biblioteconomia, refletiu de modo a produzir uma matriz de ensinamentos e aprendizagens focados na produção de saberes tecnicistas e autocentrados na condição de desenvolvimento dos sujeito/a/s como unicamente parte de sistemas de produção, aqueles que tudo produzem, mas daquilo nada tem o pertencimento.

Porém, esses indivíduo/a/s são múltiplo/a/s, suas demandas de informação e produção da mesma são tão significativas quanto qualquer sistema de informação, pois, como sujeito/a/s humanos, faz parte da nossa evolução biológica organizar, produzir e disseminar informação como modo de assimilação para sobrevivência e evolução.

Ou seja, temos nos campos informacionais do conhecimento uma ligação sempre ressaltada da interdisciplinaridade, esta que também é uma das bases do pensamento decolonial, capaz de articular a cultura, política e informação de maneira a privilegiar elementos epistêmicos que corroboram com a descolonização da informação.

Por isso quando falamos em decolonização da informação e do conhecimento, trazemos para o mais próximo possível novas ideias contra hegemônicas, especialmente para as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, que mesmo surgindo em momentos históricos distintos, trazem no começo de suas

histórias, as memórias de um pensamento branco-cêntrico, responsável por todo tipo de colonização do pensamento do mundo em que vivemos.

Conscientes da necessidade de descolonizar a produção de conhecimento científico, a começar pela área do conhecimento que fazemos parte, o Dossiê Colonialidade do Conhecimento: reflexões para a informação e memória se propõe a abarcar autoras/es indígenas, negras/os, LGBTQI+, que experienciam diferentes opressões, devido aspectos de raça, classe, gênero e sexualidade. Assim, os textos refletem a pluralidade das suas autoras/es ao abordar diversos temas ligados a informação, conhecimento e memória.

Em “Territorialização de um epistemicídio” se analisa a presença de autoras/es brasileiros nas bibliografias dos programas de pós-graduação em CI do Brasil, visando identificar se a formação discente na pós-graduação é pautada no estudo de autoras/es brasileiros ou estrangeiros havendo um epistemicídio da produção científica nacional.

Já em “Racismo é falta de informação?” questiona se as práticas racistas podem ser atribuídas apenas a falta de informação do(a)s sujeito(a)s e quais subjetividades informacionais existem para além disso.

No artigo “Negra intelectual na Biblioteconomia do Cariri Cearense” aborda-se a trajetória da professora negra intelectual Dra. Joselina da Silva, e sua contribuição para os estudos sobre as relações étnico-raciais, sociais e de gênero no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri.

“Descolonizando a justiça, democratizando a informação” realiza apontamentos sobre cárcere e bibliotecas prisionais discutindo as possibilidades de atuação do bibliotecário em bibliotecas prisionais com educacionais-culturais-informacionais,

abordando como esses sistemas de punição se originam na Europa, e se instalam nas Américas a partir da invasão colonial e afetam populações negras e indígenas de maneira mais latente.

Em “Mediação da informação e veganismo” se discute os processos de desinformação que perpassam alimentações baseadas em plantas, apontando a influência da invasão colonial em sua estigmatização e desestímulo. Reflete sobre a atuação do bibliotecário, expondo a relação entre mediação da informação, questões de ética e direito dos animais.

“Trilogia Afeminada” a autora parte do silenciamento diante dos feminicídios na região Cariri do Ceará. propondo a ideia de memóricídio enquanto a morte dessas memórias e do seu corpo físico.

“Fazei tudo o que ele vos disser” aborda a relação de Jesus com as mulheres do seu tempo, e o pensamento androcêntrico dos cristãos, fazendo um paralelo com o Brasil observando como essas contradições se fazem presentes em nossa sociedade, evidenciando o quão desigual é a sociedade brasileira no que tange a relação de gênero.

E no último artigo do dossiê “Tudo isso é conversa para comer sem trabalhar” se apresenta a Capoeira como forma de resistência aos efeitos do colonialismo e colonialidade.

Todos esses trabalhos reconhecem, no centro da produção, uma necessidade iminente de descolonização do pensamento, isso porque, como já dito aqui, somos socialmente fundados na colonialidade e sua ideia de modernidade. Porém, nunca fomos modernos, estamos cada dia mais, esgotando nossas próprias fontes de vida com a busca desenfreada pelo poder como movimento

de via única, daqueles que se sobressaem sempre frente uns aos outros. Por isso, esperamos que essas reflexões, que vão para além do campo informacional, sejam parte da nossa história como ciência, pois aqui também se defende a emancipação dos sujeito/a/s.

Boa leitura!

As editoras convidadas.

Sobre as editoras convidadas

Vitória Gomes Almeida

Doutoranda em Ciência da Informação. Prof^a do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri.

vitoriagomesalmeida@yahoo.com.br

Fernanda Carla da Silva Costa

Doutoranda em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ). Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharela em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

costacs.fernanda@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.